



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

LITERATURA AFRO-BRASILEIRA PARA CRIANÇAS

Cleber Fabiano da Silva

PROLIJ / UNIVILLE – Universidade da região de Joinville

professor.cleber@yahoo.com.br

1. Introdução

As políticas públicas de inclusão e as recentes mudanças nas diretrizes educacionais em nosso país convocam a presença da história e da cultura africana e afro-brasileira nos conteúdos desenvolvidos no âmbito de todo o currículo escolar. A partir desses engendramentos legais que dialogam com as questões da africanidade, uma quantidade bastante significativa de publicações movimentou o mercado editorial brasileiro.

Para além de conceituar ou enquadrar toda essa produção em gêneros e categorias, busca-se nesse artigo, compreender como ocorrem os processos estético-discursivos presentes em livros de literatura infantil selecionados com temática, linguagem ou autores ligados à produção afro-brasileira com vistas a constituir um acervo de qualidade.

A relevância desse estudo está centrada no risco que a literatura infantil corre de tornar-se um instrumento utilizado apenas como recurso técnico-pedagógico. Nesse caso, sem levar em consideração o que é próprio de sua natureza literária, ou seja, a linguagem elaborada artística e intelectualmente pelos escritores e ilustradores.

Vale ressaltar que em sua gênese, a literatura destinada aos pequenos surge como uma forma literária menor, normalmente relacionada a essa função utilitário-pedagógica. Representada pela capacidade de produzir ludicamente vínculo moralizador, convenções religiosas, padrões de comportamento, normas lingüísticas, enfim, situações que deixavam o leitor distanciado da função artística, pois muitas vezes estava ausente o universo literário.

A valorização recente de seus fundamentos e pressupostos acompanham os caminhos trilhados pela psicologia experimental, revelando os estágios de



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

desenvolvimento da criança e as manifestações de sua inteligência e, pelos avanços, mais recentes ainda, na área da sociologia, ao afirmar a idéia de singularidade, alteridade e produção de cultura na e para a infância.

Para que não se perca o olhar sobre essa literariedade, caindo nas armadilhas acima descritas, foram identificadas nessas publicações características que possibilitaram a criação de três eixos de análise: *os livros informativos* – com conteúdos voltados ao universo cultural africano e/ou afro-brasileiro; os livros *griôs* – recuperando as narrativas orais para preservação dos elementos culturais, nos quais se percebe o tratamento dado aos mitos, lendas e ritos ligados à ancestralidade e, finalmente, *os livros literários* – com suas marcas estéticas e linguagem intencionalmente elaborada.

2. Livros informativos

Uma das evidentes consequências em torno das discussões sobre a africanidade, principalmente, a partir das orientações para se efetivar no currículo da educação básica os conteúdos africanos e afro-brasileiros, está sendo o expressivo aumento de publicações com essa temática. Guiadas pela perspectiva de figurar entre as listas adotadas por órgãos responsáveis pelas políticas públicas de inclusão ou ser escolhidas pelos programas de leitura que visam os debates acerca da diversidade e do multiculturalismo, as editoras investem em livros para o público infantil nos quais predominam o ficcional e o lúdico, sem, no entanto, ser considerados literários.

São estratégias comerciais cuja produção serve-se de escassos ou precários recursos literários e poéticos para produzir “manuais” de caráter informativo, de vendagem imediata. Livros com propostas pedagógicas para fazer as crianças aprenderem conteúdos específicos, normalmente, associados aos temas estudados na escola. Nesse tipo de texto:

“A conexão dos esquemas textuais é em ampla medida reguladora, diminui o número de espaços vazios e, em consequência, perde intensidade também a formação de representações do leitor estimuladas por estas lacunas (...) as estratégias do texto liberam pouco espaço para a participação do leitor e as mudanças de perspectiva estão formuladas pelo próprio texto



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

reduzindo as regras de combinação”. (ROLLA, 2004, p. 130)

Não se trata aqui de desmerecer a importância desses livros, mas examiná-los em que medida a linguagem, a ilustração e os discursos neles apresentados estão em consonância com as formas especificamente infantis de compreensão do mundo e a adequação desses temas.

Uma vez produzidos e comercializados com intenção de apoio ou informativos podem auxiliar de fato a comunidade escolar a tomar consciência das questões discutidas na sociedade sobre o tema. Para exemplificar a seriedade dessas propostas em torno da africanidade, optou-se em trazer para o debate dois livros com trabalho de excelente nível no que diz respeito à informação e formação na medida certa. São eles: **Meu tataravô era africano**, escrito por Georgina Martins e Teresa Silva Telles, com ilustrações de Maurício Negro e **Agbalá – um lugar continente**, escrito e ilustrado por Marilda Castanha. Ambos apresentam de modo didático, ao mesmo tempo artístico, um pouco da história e da cultura afro-brasileira.

No primeiro, Inácio e seu avô percorrem toda a trajetória dos negros na formação do povo brasileiro. Desde a saída da África nos porões dos navios, mostrando as rotas de escravos até a difícil chegada e condições de permanência dos cativos nas senzalas. Ilustrado com obras e fragmentos de grandes intelectuais, artistas e personalidades altamente representativas para a cultura do Brasil, desfilam em meio ao texto: Gilberto Freyre, Debret, Gilberto Gil, Castro Alves, Pe. Antônio Vieira, Rugendas, entre outros.

O garoto ouve muitas histórias de seu avô e corrige, sob orientação da professora, erros nos discursos dos livros didáticos, discutindo conceitos e preconceitos históricos e cotidianos: *Não vô. Minha professora disse que isso é invenção, uma versão errada da história do Brasil (p.12)* As trocas com as experiências do avô, fazem-no mediador letrado dos conhecimentos advindos da escola: *Bem, vô, agora que você aprendeu que os índios não eram preguiçosos, vamos continuar a ler o texto (p. 14).*

Durante a narrativa, as autoras recolhem informações de diversas fontes históricas e atualizam-nas no universo do personagem principal. Vale citar o exemplo do jogo do beliscão (p. 32), com fragmento extraído da obra de Gilberto Freyre, explicado pela professora e vivenciado pelo menino nas aulas de História de seu



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

colégio. Com informações de livros, mapas, músicas, danças, religião e culinária, avô e neto traduzem a herança africana que encontrou em terras brasileiras um jeito híbrido e, curiosamente, singular de resistência.

O segundo livro registra diferentes povos africanos, sua arte, cultura e história. Busca o sentido das experiências vividas por todos aqueles que carregam a África dentro de si. *Como se cada um tivesse a semente e a memória do lugar (p.06)*. A obra, de maneira artística, recupera uma paisagem anterior a chegada dos europeus no continente africano até aportarem no Brasil, perpassando da escravidão à resistência, dos ancestrais aos rituais, de raízes a árvores e de santos a orixás.

Ao proporcionar um encontro com esse legado cultural e suas manifestações em terras brasileiras, a autora resgata a luta pessoal e coletiva do povo negro contando a história de muitas histórias. Nos novos territórios, nas dobras, nas marcas da própria linguagem carrega o seu estilo: *Mas nenhuma dessas marcas apagava sua cultura, presente no modo de andar, de carregar as crianças, nos panos coloridos (...) nas inscrições rituais do rosto, nos gestos e olhares (p. 12)*.

Para muito além do aqui exposto, as duas obras apresentadas podem servir de referencial para ilustrar com propriedade, tanto na abordagem e tratamento dado ao tema, quanto pelo caráter artisticamente elaborado e sofisticado na linguagem que, publicações dessa natureza devem entrar em sintonia com o universo de seu leitor, respeitando e acreditando seu potencial cognitivo e humano.

3. Livros griôs

Outro eixo de análise que pode ajudar a compreender o que circula no mercado editorial ao dialogar com as ações afirmativas advindas dos processos legais, pertence àqueles que recuperam as narrativas orais. Nessa categoria, denominada livros griôs, encontram-se as histórias relacionadas às lendas, mitos e/ou ritos, uma vez que possuem a capacidade de preservar os elementos culturais africanos ou afro-brasileiros do mesmo modo como os contadores de histórias em algumas sociedades do continente africano:

“ainda que as manifestações folclóricas estejam tão intimamente presentes no cotidiano popular, devido ao exotismo com que são abordadas, não chegam a suscitar reflexões histórico-sociais na maioria dos expectadores, nem a integrar



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

os currículos da educação nacional brasileira, o que compromete os processos de identificação dos educandos, muitas vezes, protagonistas dessas tradições”.

(GOMES, 2008, p.36).

Esse tipo de narrativa não apenas possibilita o relato como traz notícias de outros tempos, espaços e culturas. Funciona como um elemento de preservação e espécie de resistência, uma literatura guardiã das ancestralidades cujas fontes estão na tradição oral, nas histórias contadas e perpetuadas pelo povo.

Para Câmara Cascudo, o conto popular revela informação histórica, etnográfica, sociológica, jurídica e social. Trata-se de um “documento vivo, denunciando costumes, ideias, mentalidades, decisões e julgamentos. Para todos nós é o primeiro leite intelectual” (1998, p.10). O autor afirma que o conto, quanto mais tradicional, “conhecido e querido numa região, mais universal é nos seus elementos constitutivos” (1998, p. 21).

Dentre as centenas de mitos e lendas voltadas para o público infantil, optou-se por discutir as obras: **Xangô, o trovão** de Reginaldo Prandi, ilustrado por Pedro Rafael e **O filho do vento** de Rogério Andrade Barbosa, com ilustrações de Graça Lima, por oferecerem elementos capazes de justificar a criação desse eixo de análise.

Os negros iorubás – também chamados nagôs – embora escravizados, separados da convivência familiar e sem ter direito de trazer seus pertences nos navios negreiros guardaram suas crenças e jamais abandonaram seus deuses, os orixás. Eles tomam conta de tudo o que acontece na vida dos homens e é sobre esses deuses que Prandi discorre em seu livro.

Num dos maiores reinos da África antiga, chamado Oió, havia um rei soberano e muito justo chamado Xangô. Iansã, uma de suas mulheres, trouxe uma poção mágica que lhe dava a capacidade de botar fogo pela boca. *De longe, o povo escutava os ruídos assustadores que acompanhavam as labaredas expelidas por Xangô (p.12)*. Um dia, porém, errou a pontaria e acertou o próprio palácio fazendo com que os ministros destituíssem-no de seu poder.

Nunca mais foi visto em pessoa e no orum (céu) foi transformado em orixá, respondendo pelas questões de governo e justiça. *Mas onde quer que haja alguém que*



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

tenha escutado essa história, quando ouve o ronco furioso do trovão, sabe que Xangô está por perto. Ele leva na mão um machado duplo e com ele aplica sua justiça. (p. 16)

Os enredos e situações que envolvem esse e outros deuses como Iansã, Exu, Iemanjá, Oxaguiã, Ogum e Oxalá são seguidos das suas características e dos elementos relacionados aos cultos e às oferendas. Diferentemente do que ocorre na mitologia de outros povos, a exemplo dos gregos, nórdicos ou celtas, enfim, é que o conhecimento desses mitos, muitas vezes, causa desconforto e gera preconceito por tratar-se de narrativas vivenciadas ainda hoje nos terreiros das religiões afro-brasileiras. Talvez isso explique um pouco do medo e da discriminação que eles provocam na sociedade de modo geral e prova a relevância de sua publicação para os pequenos.

Em **O filho do vento**, um terrível vendaval fez o pai parar seu trabalho por alguns minutos. Tempo suficiente para a família se reunir e conhecer uma das lendas passadas de geração a geração. Ao contar a história dos bosquímanos – povo nômade habitante do deserto do Kalahari – o autor afirma que, *apesar das duras condições, estão adaptados ao território onde sobrevivem há séculos. (s/p).*

Um dos aspectos interessantes entre as lendas e os mitos originários da África e contados na diáspora está o fato de estarem ligados aos elementos da natureza. *Plantas, homens, bichos e astros pertenciam à antiga raça. Todos faziam parte da natureza e tinham o direito de conviver em paz, uns ao lado dos outros (p. 08).*

Esses elementos justificam atitudes e comportamentos humanos, como também, compõem uma explicação para os próprios fenômenos naturais. *O vento leva nossos segredos. Sabe tudo e conhece todas as pessoas. (p. 14) Quando alguém morre, seu último suspiro vai reunir-se a um vento mais forte e poderoso, para formar as nuvens do céu (p. 08).*

Uma característica marcante nesses textos é que, frequentemente, possuem uma enunciação coletiva, ou seja, o eu que fala representa toda uma coletividade. *Agora já sabem (...) podem correr e brincar com o vento, mas nunca pronunciem o nome dele. Isso deve ser guardado como um segredo (p.38).*

Outra faceta desses contos griôs reside no fato do narrador revelar-se a cada história contada e, assim, não só torna prazeroso contar, como possibilita dividir muitos repertórios de vivências. Uma necessidade vital, de algo tão antigo como a própria



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

existência do homem que é o ato de viver e reviver experiências incondicionais ao desenvolvimento do indivíduo.

4. Livros literários

Os livros literários podem apropriar-se dos conteúdos e contextos presentes nos eixos informativos e griôs explicitados anteriormente. Todavia, por sua natureza literária são reconhecidos pelo modo “como” são contados, ou seja, pela manifestação de uma linguagem carregada ao máximo grau de significação.

Seja pela importância social, pela forma como nela se trabalha a linguagem, pelo suporte no qual se veicula e pelos códigos estéticos de determinados grupos e épocas, ou ainda, levando em conta: criatividade, recursos estilísticos, indústria cultural, gosto ou prazer, a conceituação dessa arte não é tarefa fácil.

A pós-modernidade trouxe mudanças em quase todos os setores sociais e, naturalmente, não poderia deixar de fazê-las na literatura para os pequenos. Com projetos gráficos arrojados, imagens altamente atrativas e significativas, textos caprichados na linguagem, ampliação dos horizontes de expectativas dos leitores, livros totalmente interativos, enfim, tantas possibilidades que driblaram as centenas de linhas dos livros escritos para crianças no passado e transformou-os num complexo sistema comunicativo.

Para Coelho (2000, p. 109): “é a adequação entre a consciência de mundo (implícita na intencionalidade da obra) e a natureza do discurso literário (linguagem que dá corpo à consciência de mundo)” que nos permite conhecer o grau de criatividade que dá à obra o seu maior ou menor valor literário.

Nas literaturas que envolvem a africanidade, essa consciência (ou a falta dela) demonstra que, muitas vezes, autores bem intencionados e pretensamente esvaziados de preconceitos produzam obras com um apuro técnico, formal e de linguagem quase perfeitos, todavia, na discursividade percebem-se inúmeros problemas, principalmente, com relação à dimensão sociocultural, o protagonismo dos personagens negros, as ideologias e os valores.

Quando a questão envolve essa temática, aumenta a dificuldade em encontrar obras que sejam necessariamente literárias, não pertencendo à categoria informativo (ou



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

apoio didático) e griô. Apesar disso, têm-se bons exemplos do que poderia, em alguns anos, tornar-se uma categoria ou gênero literário afro-brasileira para crianças.

Esses exemplos podem ser encontrados em **Minhas contas**, livro de Luiz Antonio, com ilustrações de Daniel Kondo e **Obax**, escrito e ilustrado por André Neves. No primeiro, os personagens Pedro e Nei são amigos, estão sempre juntos. A amizade dos dois, no entanto, corre sérios riscos já que a mãe de Pedro não aceita os fios de contas usados pelo amigo do filho em função da sua religião.

Ao descobrir o preconceito por parte da mãe do amigo, Nei fica *com uma minhoca na cabeça. E se a mãe dele estiver certa?* (s/p). Desesperado, o personagem começa a sentir uma série de sentimentos e sensações. *Fiquei na esquina sozinho, era tanta raiva que eu queria lutar, quis me esconder na mata, me enfiar na lama, virar árvore (...), chorei um rio e o rio virou mar (...) gritei um trovão, corri com o vento, depois desejei dormir no colo de meu pai* (s/p).

Sem perceber, o menino entra em contato com os orixás, as energias que são vivenciadas e reverenciadas nos mitos e nos ritos dos praticantes do candomblé. As imagens, bem como, as cores permitem ao leitor uma série de informações que colaboram para ampliar o sentido do texto.

Enquanto na dimensão verbal está a descrição do garoto na esquina, aparece uma encruzilhada pintada nas cores preta e vermelha, tomando todo o espaço da página. Interessante notar que o símbolo utilizado e as cores sugerem Exu – um dos principais orixás cultuados nas cerimônias religiosas. Ele simboliza o movimento, capaz de levar as oferendas, de *abrir os caminhos*.

Na sequência, o personagem expressa outro sentimento: a raiva, a vontade de lutar, trata-se do orixá Ogum. No plano visual aparece uma espada, o elemento-símbolo daquele que traz a possibilidade da transformação. Na continuidade, o menino deseja entrar na mata, correspondendo ao campo energético de Oxossi, o caçador. Suas cores são verde-claro e seu elemento o *ofá* – o arco com a flecha.

Outros orixás são apresentados no livro até chegar ao encontro com o mais sublime deles: Oxalá. Simbolizando a paz, o equilíbrio e o conforto, não possui outra representação que a própria imagem do firmamento. *Depois... desejei dormir no colo do meu pai* (s/p). Vale notar que, mesmo sem os referências oriundos do candomblé citado



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

nos parágrafos anteriores, faz-se possível uma leitura plurissignificativa, pois as cores e os objetos podem representar sensações e sentidos distintos para diferentes leitores.

Nas ilustrações das páginas finais do livro aparecem constelações que são os símbolos das principais religiões existentes: cristianismo, judaísmo, xintoísmo e islamismo. Essas imagens poderiam apenas mostrar universos de estrelas brilhantes como, para uma leitura mais ampliada e um leitor com maior repertório, representar signos ligados ao modo como o homem constrói sua fé. Embora discursivamente a obra pareça abordar uma religião específica, o trabalho com a linguagem e com as imagens garantem sua entrada no universo literário infantil ao permitir um espaço de leituras múltiplas e elaboração intelectual e estética.

Na segunda obra, a pequena **Obax** adorava correr pelas planícies e seu maior divertimento era inventar histórias e, entre as tantas criadas pela menina em suas andanças, estava o dia em que contou ter visto cair do céu uma chuva de flores. Todas as crianças caçoavam e os mais velhos duvidavam desse feito. *Como poderiam chover flores onde pouco chove água?(p. 15).*

Então, *ao tropeçar numa pequena pedra em forma de elefante, Obax teve uma grande ideia. Partiria pelo mundo afora (p.16).* Sua busca era para provar a todos que sua história era verdadeira. E, na grande ilusão criada pela magia da literatura, Obax encontrou-sonhou-transformou sua vida com Nafisa, *um elefante que havia se perdido da manada e vivia sozinho pelas savanas (p.19).*

Realizando a verdadeira trajetória do herói, *eles haviam dado a volta ao mundo e estavam novamente no ponto de partida: a savana (p.22).* Atravessada por tantas experiências e vivências transforma, a partir da magia das histórias, as pessoas de sua aldeia.

O livro da menina que fez chover flores em pleno deserto é composto a partir das pesquisas nos costumes de diversos grupos étnicos espalhados pelo oeste africano, incluindo o campo semântico apresentando ao leitor após a leitura explicitando que Obax significa “flor” e Nafisa “pedra preciosa”. As ilustrações de cores fortes revelam beleza e alegria contrastando com a aridez do espaço descrito na dimensão verbal.

As duas publicações escolhidas para esse eixo apropriam-se dos elementos culturais africanos e afro-brasileiros, entretanto, ampliam esses cenários criando uma narrativa singular e esteticamente comprometida com o universo infantil.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Para além dos debates em torno da existência de um gênero textual afro-brasileiro e, apesar do mérito das obras analisadas, percebe-se a necessidade urgente de qualificar o acervo, pois essa categoria apresenta efetivamente pouca opção de obras que se possam intitular literárias, quiçá, suficientes para constituir uma tipologia ou gênero.

5. Considerações finais

A noção de africanidade precisa ser legítima por si mesma. Deve-se cuidar para que os discursos em favor da causa africana e afro-brasileira não repitam os erros históricos realizados pelos portugueses para com seus colonizados. Alguém manda dizer o que se deve ler e escrever, bem como, que se deve incorporar a história e a cultura do negro na escola e isso pode resultar num grande e perigoso equívoco.

As descobertas nessa pesquisa apontam para o verdadeiro sentido da literatura infantil ao dialogar com os engendramentos legais: a promoção dessas narrativas deve assegurar a literariedade do acervo, não permitindo que o texto nem o que se faz a partir dele sejam usados como pretexto.

No entanto, percebe-se que além da imensa quantidade de livros informativos e de apoio didático, muitos com características de livros griôs estão sendo publicados, contudo, poucos se podem ligar ao gênero literatura infantil. Fato semelhante ocorre nas literaturas africanas de Língua Portuguesa que, num primeiro momento após os processos de independência, parecem querer afirmar-se a partir do que possuem de mais peculiar em seus países para, em seguida, realizar obras com temáticas universais.

Talvez o caminho mais comum para se chegar numa literatura genuinamente afro-brasileira seja, justamente, iniciar por essas histórias que exploram os mitos, os ritos, as lendas, enfim, ligadas à construção da identidade brasileira no diálogo com a nossa herança africana e avançar numa estética própria que permita, como ocorrido com o candomblé, a culinária, a capoeira, expressar esse encontro de modo *sui generis*.

A relevância desse estudo está centrada na perspectiva de um diálogo etnicorracial capaz de realizar manobras de resistência, como griôs contemporâneos a guardar e recontar suas histórias e a sua ancestralidade, mas produzindo obras literárias



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

que acreditem na produção de cultura na – e para a – infância, respeitando a condição de sua singularidade e alteridade.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

REFERÊNCIAS:

AMÂNCIO, Iris M. da Costa; GOMES, Nilma Lino e JORGE, Miriam Lúcia dos Santos. **Literaturas africanas e afro-brasileira na prática pedagógica**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

ANTONIO, Luiz. **Minhas contas**. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

BARBOSA, Rogério Andrade. **O filho do vento**. São Paulo: DCL, 2001.

CASCUDO, Câmara. **Contos Tradicionais do Brasil**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998.

CASTANHA, Marilda. **AGABALÁ – um lugar-continente**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

MARTINS, G. e TELLES, Teresa. **Meu tataravô era africano**. São Paulo: DCL, 2008.

NEVES, André. **Obax**. São Paulo: Brinque-Book, 2010.

PRANDI, Reginaldo. **Xangô, o trovão**. São Paulo: Cia das Letrinhas, 2003.

ROLLA, Ângela da Rocha. O jogo do texto: quem são os leitores? In: João Luís C. T. Ceccantini. (Org.). **Leitura e literatura infanto-juvenil: memória de Gramado**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2004.